

OPINIÃO

EDITORIAL

As novas recomendações do FMI

O Fundo Monetário Internacional (FMI) decidiu registrar, com a cautela de praxe, o reconhecimento dos esforços feitos para estabilizar a economia brasileira. O documento, divulgado anteontem, reproduziu tanto o relatório da visita dos diretores do Fundo ao Brasil, em maio, como a discussão desses dados com toda a diretoria da instituição, realizada em julho. A conclusão do relatório afirma que a economia colhe os frutos da implementação de "sólidas políticas sociais e de estabilização, no contexto de um ambiente externo favorável". Depois, reconhece o acerto da política econômica porque "houve crescimento econômico e diminuição da pobreza". A partir dessas premissas o Fundo destacou que vê espaço para mais cortes de juros, com expectativa de inflação "em torno de 3,5% ao ano".

O relatório revisa o crescimento previsto no panorama econômico global do FMI, publicado em abril (que citava expansão de 4,4% do PIB neste ano e de 4,2% em 2008), para 4,5% em 2007, mantida a expectativa para 2008. Apesar de esse relatório ter sido escrito antes da crise do mercado acionário, nele há observação essencial

de que o crescimento da economia brasileira ocorreu "em função da demanda interna".

Esta percepção mantém a atualidade deste relatório, apesar de todas as turbulências financeiras das últimas semanas. De fato, o peso da demanda interna na economia pode ser confirmado pelos dados da Pesquisa Na-

Relatório do Fundo afirma que crescimento da economia brasileira ocorreu em função da demanda interna e pede mais corte de juros

cional por Amostra de Domicílios (Pnad), revelando que em 2006 a renda real do trabalhador cresceu 7,2% em relação a 2005, o maior aumento desde 1996. Sem dúvida, foi a evolução da renda que sustentou a demanda interna constatada pelo FMI.

O controle da inflação, por sua vez, foi a matéria-prima da evolução da renda. O FMI reconheceu, explicitamente, que a expectativa inflacionária coletada em maio era baixa. Essa conjuntura, no entanto, sofreu alteração nos últimos três meses, em especial pela pressão gerada pela

alta dos alimentos. Esta pressão, aliás, já foi detectada pela Pesquisa Mensal do Comércio, do IBGE, publicada anteontem, mostrando que, após um primeiro semestre de forte aquecimento, as vendas do varejo deram sinais de desaquecimento, exatamente pela subida na alimentação. O IBGE mostrou que no setor de supermercados e demais lojas de alimentos e bebidas o ritmo de expansão das vendas despencou de 8,2% em junho para 4,6% em julho. Motivo: de janeiro a julho os alimentos subiram 5,28%, bem acima do IPCA do período, que foi de 2,3%. Porém, ainda que o consumo caia pela alta de preço nos alimentos, o ano de 2007 já está "ganho" pelo setor de varejo, que já assegurou uma expansão de vendas, segundo as previsões mais pessimistas, de 8,2%.

O crescimento consolidado de 2007 não está assegurado só pelo varejo, como o FMI também notou. Algumas consultorias já concluíram, por exemplo, estimativas muito promissoras sobre a expansão da construção civil neste ano. A perspectiva é de que esse setor cresça entre 7,3% e 9,2%, na comparação com 2006. O intervalo corresponde à proporção de expansão do PIB,

entre 4,4% e 5,1%. Os números do setor de construção relativos ao primeiro semestre justificam os motivos da revisão do crescimento brasileiro pelo FMI. De janeiro a junho, o consumo de cimento expandiu 15,1%, o de vergalhão 9,3%, o emprego no setor avançou 7,3% e o faturamento 7,6%, sempre referente ao mesmo período de 2006. Como a construção civil tem forte efeito multiplicador por todos os demais setores da economia, não há dúvida de que 2007 será um ano de vacas gordas, como o relatório do FMI reconheceu.

Vale lembrar que esse crescimento é sustentado. O Grupo de Conjuntura do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada também revisou o índice de expansão da Formação Bruta de Capital Fixo, os investimentos, dos iniciais 9,2% para 10,1% neste ano, em relação a 2006. O FMI afiançou a expectativa de inflação no Brasil porque a capacidade de investimento é o que é. Em outras palavras, os parabéns do Fundo sugerem que a política econômica dos últimos meses, com corte de juros e aposta no crescimento, funcionou. Não há endosso mais consistente do que esse para essa política.